Intertextualidade em textos bíblicos: perspectiva filosófica e poética da cultura grega

Intertextuality in biblical texts: philosophical and poetic perspective of Greek culture

Juciara Venancio Fernandes Santiago[1]

RESUMO

O presente artigo propõe a análise de três trechos bíblicos que dialogam com discursos filosóficos e poéticos de três poetas da cultura grega, a saber: Epimênides, Cleanto e Arato, sendo o primeiro o mais analisado, partindo do pressuposto de que a intertextualidade pode ser observada amplamente em diversos textos e discursos. Sob a ótica de Bakhtin (2006), Koch (2007) e Fiorin (2003), objetiva-se a explicitação da intertextualidade presente nos excertos analisados, configurando a esse artigo a função de demonstrar, pela análise, como se dá o movimento intertextual nos campos previamente citados.

Palavras-chave: Intertextualidade. Discurso. Filosofia. Cultura.

ABSTRACT

The article proposes the analysis of three biblical excerpts that dialogue with philosophical and poetic speeches of three poets of the Greek culture, that is: Epimenides, Cleanthes and Aratus, the first being the most analyzed, on the assumption that intertextuality can be largely observed in various texts and discourses. From the perspective of Bakhtin (2006), Koch (2007) and Fiorin (2003), aims the explicitness of the intertextuality in the excerpts analyzed, configuring to this article the function to demonstrate, through analysis, how is the intertextual movement in the fields previously cited.

Keywords: Intertextuality. Discourse. Philosophy. Culture.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo tem o propósito de demonstrar, por meio de análise de excertos, a relação de intertextualidade entre um discurso de Paulo em Atenas e a cultura grega na perspectiva filosófica e poética a partir de Epimênides, Cleanto e Arato. Para isso, foram analisados textos bíblicos pronunciados pelo apóstolo Paulo, sendo que uma dessas exposições foi

[1] Graduanda do curso de Letras da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID PUC Minas), da área de Língua Portuguesa.

Recebido em: 29/09/2017 Aceito em: 24/11/17

selecionada como o corpus para a análise pretendida neste artigo. O discurso foi separado em três partes e cada parte foi analisada de forma individualizada.

Os discursos estão registrados na Bíblia, no Livro de Atos, capítulo 17, entre do verso 16 a 29. Tomou-se como referência para a análise dos trechos, a Bíblia de Estudo de Finis Jennings Dake, Edição Almeida Corrigida Clássica, 2014, traduzida por João Ferreira de Almeida no século XVII, sendo que o Novo Testamento, de onde foram tirados os excertos, foi traduzido a partir da língua original, o grego.

Para demonstrar a relação de intertextualidade e sua tipologia entre os discursos bíblicos e gregos, a análise aqui feita se baseia nos conceitos presentes na obra do filósofo e pesquisador da linguagem Mikhail Bakhtin (Volochínov) (2010), **Marxismo e Filosofia da Linguagem**; do professor e linguista José Luiz Fiorin (2003), **Dialogismo, Polifonia, Intertextualidade;** da linguista Ingedore Grunfeld Villaça Koch (2007), **Intertextualidade: diálogos possíveis.**

2 AO DEUS DESCONHECIDO

Paulo é um dos mais influentes escritores do cristianismo primitivo, hoje também chamado de Paulo de Tarso, Saulo de Tarso ou São Paulo, é autor de 13 dos 27 livros do Novo Testamento. Ensinou e influenciou muitos cristãos, como também outros que desejavam conhecer o Deus que Paulo pregava, desde Israel até a Grécia e Roma, onde morreu decapitado, por volta de 67 d.C.

A primeira parte a ser analisada está registrada no **Livro de Atos**, capítulo 17, verso 23:

> *Porque, enquanto andava pela cidade, observei vossos santuários e encontrei até um altar em que estava escrito: AO DEUS DESCONHECIDO. Aquele, pois, que honrais sem o conhecer é o que vos anuncio*.

Nesse trecho, Paulo, em primeira instância, faz referência a um monumento, um altar peculiar que ele observou ao andar pela cidade de Atenas. Todos os muitos altares encontrados na cidade de Atenas, conhecida também como a capital dos deuses, possuíam um nome, cada um era destinado a um deus específico, mas naquele altar havia apenas a inscrição: “Ao Deus Desconhecido”.

Epimênides, por outro lado, um dos mais importantes filósofos da Hélade que viveu no século VI a.C, também conhecido por suas poesias, predições e sabedoria, foi o

responsável por introduzir, em Atenas, a adoração a esse deus desconhecido vários séculos antes de Paulo o citar em uma de suas estadias na Grécia conversando com "certos filósofos epicureus e estóicos" (Atos 17, 18).

Diógenes Laertios em sua obra **A vida de filósofos ilustres**, escrita nas primeiras décadas do século III d.C., relata a história de Epimênides. Ele nasceu em Cnossos, na ilha de Creta, ali vivia quando foi convidado pela sacerdotisa Pítia, por causa de sua sabedoria e predições acertadas, a ir de sua cidade até Atenas para livrar o povo de grande praga que assolava a cidade e dizimava a população. Os atenienses já haviam feito de tudo que conheciam para "apaziguar" a ira dos deuses, mas não havia nada que fizesse a praga cessar.

Figura 1: Altar encontrado no monte Palatino, Roma, em 1820, dedicado a um deus desconhecido.

Chegando à cidade, Epimênides, após observar atentamente tudo a sua volta e ouvir o que tinham a dizer-lhe, propôs uma prova aos sacerdotes e principais da cidade. Assim, sem saber o nome do deus responsável por aquela praga, fez um teste a qualquer deus que por acaso o estivesse ouvindo. Então, após os sacerdotes fazerem tudo o que Epimênides ordenara para saberem se algum deus os ouvia – a saber, um teste com ovelhas famintas em uma colina –, a praga cessou. Perguntado sobre o nome que deveria gravar nos altares que seriam erguidos em homenagem a esse deus pelo livramento da praga, ele disse que, como não conheciam o nome do deus que fizera o milagre, não poderiam se passar por sábios

colocando um nome sem saber se era aquele exatamente, mas deveriam inscrever: Agnostos Theos (Grego Antigo: Ἄγνωστος Θεός) ou AO DEUS DESCONHECIDO.

Paulo, natural da cidade de Tarso (Tarsus), localizada na atual Turquia, era considerado um doutor da Lei ou professor da Lei, havia sido criado "aos pés de Gamaliel" (Atos 22, 3), o que significa dizer que ele teve como tutor um dos homens mais sábios de seu povo naquela época. Ele era presidente do sinédrio, que era a corte e o legislativo supremo da nação de Israel no início da era cristã. Por essa razão e outras explicitadas no Novo Testamento, sabemos que Paulo era uma pessoa que tinha vasto entendimento em diferentes áreas, profundo conhecimento da cultura de Israel e outras regiões, como também das religiões e filosofias da época.

Paulo sabia que era uma grande ofensa apresentar uma nova divindade em Atenas e também que os atenienses nada sabiam a respeito da cultura religiosa judaica. Porém, como tinha conhecimentos da cultura grega, falava e escrevia grego (podemos observar isso em suas cartas que foram todas escritas em grego), quando fora convidado a discursar no Areópago em Atenas (Atos 17, 22-31), não disse aos atenienses que os estava apresentando um novo deus, pelo contrário, apropriou-se de seus conhecimentos da filosofia e história da Grécia para falar-lhes. Assim, falou a eles de algo que conheciam, que fazia parte de seu povo e de sua cultura há séculos, ou seja, Paulo fez referência ao discurso de outrem, do qual fala Bakhtin (2010), para alcançar seu objetivo.

Em outras palavras, Paulo remeteu seu discurso, naquele momento presente, ao discurso de Epimênides, séculos antes, como também à própria cultura dos atenienses, fez referência a um deus que já existia na cultura deles, não a uma nova divindade. Esse fato levou os filósofos que ali estavam a não rejeitarem o que Paulo tinha a dizer-lhes, mas a concordaram em ouvi-lo. Levaram-no, assim, ao Areópago (Atos 17, 19), lugar destinado a pessoas, de certa forma, importantes e que tivessem sido autorizadas previamente a estar e falar naquele local.

A estratégia discursiva relatada acima mostra claramente a intencionalidade de Paulo em seu discurso. Ele não tinha intenção de esconder ou camuflar a referência que fizera a Epimênides, pelo contrário, procurou deixar esse fato muito bem claro e nítido a seus ouvintes. Para ele, a importância de seu discurso estava exatamente no fato de que deveria haver uma intertextualidade entre seu próprio discurso e o autor da frase: "Ao deus desconhecido", pois, dessa forma, ele se aproximaria culturalmente daqueles que o ouviam e estabeleceria um ambiente de confiança e credibilidade.

Podemos observar nesse discurso, a importância da intertextualidade e como ela é feita. No caso em estudo, para o público a quem o discurso foi pronunciado, houve uma intertextualidade explícita, mesmo que não haja no texto, como diz Koch (2007), "as marcas textuais que marcam a divisão de vozes num texto em que se insere outro texto, como os dois pontos e a referência à autoria do discurso citado" (KOCH, 2007).

Não se fazia necessária tal referência à Epimênides diante daqueles homens, estudiosos das religiões e filosofias gregas, visto que todos estavam muito bem familiarizados com seu nome e seus feitos. Em relação à questão da marca textual dos dois pontos, podemos nos remeter à época em que o discurso foi escrito e quando surgiram as convenções sobre as marcas de intertextualidade em um texto.

Para o leitor atual, possivelmente, há nesse discurso uma intertextualidade por alusão, visto que Paulo não cita o nome de Epimênides em sua fala e estamos muito distantes, temporalmente, daquela realidade, sendo necessário um conhecimento prévio e profundo acerca de Epimênides e seus feitos para um entendimento adequado do discurso. Podemos confirmar isso na seguinte afirmação:

> Suportado por toda uma intertextualidade, o discurso não é falado por uma única voz, mas por muitas vozes, geradoras de muitos textos que se entrecruzam no tempo e no espaço, a tal ponto que se faz necessária toda uma escavação "filológico-semiótica" para recuperar a significação profunda dessa polifonia. (FIORIN, 2003, p. 45).

Portanto, para nós, leitores atuais, faz-se necessária essa escavação "filológico-semiótica" para recuperar a significação exata do discurso. Ao mesmo tempo, percebemos, claramente, o cruzamento dos textos no tempo e no espaço, agora, em uma posição mais distante do que quando Paulo retomou o acontecimento.

Podemos verificar que Paulo, de antemão, já conhecia os feitos de Epimênides e tinha intenção clara e objetiva ao citar uma frase que remetia o povo ali presente a um passado distante e a uma história de seus antepassados, sendo que, isso lhes trazia uma efetiva compreensão da mensagem que Paulo os trazia.

Bakhtin (2010), em seu livro **Marxismo e Filosofia da Linguagem**, explica teoricamente a relação intertextual presente entre os discursos de Paulo e Epimênides, como se vê:

> A enunciação do narrador, tendo integrado na sua composição uma outra enunciação, elabora regras sintáticas, estilísticas e composicionais para assimilá-la parcialmente, para associá-la à sua própria unidade sintática, estilística e composicional, embora conservando, pelo menos sob uma forma rudimentar, a

> autonomia primitiva do discurso de outrem, sem o que ele não poderia ser completamente apreendido. (BAKHTIN, 2010, p. 151)

Portanto, podemos concluir que, como aponta Bakhtin, Paulo conservou a autonomia primitiva do discurso, conservou marcas que, no caso estudado, foram essenciais para a apreensão e aceitação de seu discurso em meio a homens sábios e entendidos de sua própria cultura e filosofia. Sendo assim, portanto, foi a partir de tal conhecimento e referência que pôde ser completamente compreendido por todos aqueles que, por curiosidade, o ouviam.

2 NELE VIVEMOS, NOS MOVEMOS E EXISTIMOS

O pequeno trecho: "*porque nele vivemos, nos movemos e existimos...*" (Atos 17, 28a), também é utilizado por Paulo durante o mesmo discurso relatado acima, no Areópago, como uma citação também do filósofo e poeta Epimênides no século VI a.C.

Sempre com a intenção de se aproximar culturalmente de seus ouvintes, por quem deseja ser bem compreendido, Paulo, para transmitir sua mensagem àquela cultura e convencê-los de sua doutrina, utiliza da intertextualidade por referência a discursos de filósofos, poetas e mais respeitáveis personalidades gregas a quem o povo admirava e de quem apreciava os conhecimentos, pois ele "remete o ouvinte a um outro discurso, embora não o cite literalmente" (KOCH apud PIÈGAY-GROS, 2007, p. 125).

Esse recurso sempre foi muito recorrente nos discursos, seja de forma explícita ou implícita no momento da fala, com o objetivo de reforçar a veracidade do que está sendo dito, como no corpus em análise. O recurso é usado, principalmente quando se sabe que tal pessoa referenciada é muito apreciada e valorizada por seus ouvintes. No trecho em análise, é exatamente isso que está explicitado, o desejo de Paulo de reforçar, enfatizar, dar crédito à sua fala, citando uma personalidade importante e de autoridade dentro daquela cultura em que estava inserido.

De acordo com a pesquisa feita, não se sabe ao certo, nesse trecho, a quem Epimênides está se referindo, se a Zeus ou a outra divindade grega, sabemos apenas que o trecho faz parte de uma de suas poesias, a qual também é chamada de citação cretense.

Mesmo sabendo que tal poesia se referia a uma divindade grega, Paulo retoma exatamente o mesmo discurso do poeta grego, não para falar a respeito do mesmo deus, mas para trazer-lhes outro conhecimento. Aí está a importância dessa intertextualidade no discurso de Paulo aos atenienses, pois não faria sentido algum seu uso se seus ouvintes não tivessem conhecimento prévio do discurso ao qual ele estava retomando.

Concluímos ser o trecho analisado uma referência a Epimênides, pois são exatamente suas tais palavras, escritas em uma de suas poesias, mas seu nome não está explicitado, devido à certeza dos ouvintes de ser ele mesmo o referido. No texto de Koch (2007) temos a definição clara de "referência, que não se realiza por marcas tipográficas e que, por isso mesmo, não é auto-evidente, como a citação: requer do co-enunciador um conhecimento prévio do texto a que pertence." (KOCH, 2007, p. 127).

Todo ser humano se apropria de discursos de outrem, seja para reafirmá-lo, confirmar suas ideias e intenções, seja para outras finalidades e propósitos particulares que o novo enunciador deseja propor, como também para fazer colocações que se opõem ao que o discurso anterior anuncia.

3 POIS SOMOS TAMBÉM SUA GERAÇÃO

Nesta seção, analisaremos o trecho: "*... como também alguns dos vossos poetas disseram: Pois somos também sua geração*" (Atos 17, 28b). Segundo alguns estudiosos, quando Paulo diz: *alguns dos vossos poetas*, ele está se referindo claramente a Epimênides, Cleanto e Arato, filósofos e poetas populares entre os gregos.

A segunda parte do trecho: *Pois somos também sua geração* é uma referência a obras de Cleanto (Cleantes) e Arato (Aratus), ambos viveram por volta de 300 a.C. O que Paulo escreveu tem extrema similaridade com o que escreveu o filósofo e o poeta, respectivamente.

Filósofo estóico, Cleanto foi o autor do poema "Hino a Zeus" (gr. ΕΙΣ ΔΙΑ). Em uma das linhas de uma das estrofes desse poema, é dito de forma muito semelhante, o que diz o excerto analisado:

Mais glorioso dos imortais, de muitos nomes,
Todo-poderoso e para sempre, tu, ó Zeus,
Soberano da natureza, e que guias com tua mão
Tudo quanto existe, saudamos com louvores. Justo
É que os mortais te invoquem em harmonia,
***Pois somos tua geração**, e nós somente,*
De tudo quanto vive e se move sobre a terra,
Recebemos o dom da linguagem imitativa.

Nesse trecho do poema, Cleanto declara ser geração de Zeus, ter nascido do próprio deus e ter herdado, de tudo que vive e se move na terra, o dom da linguagem, por isso convoca a todos os mortais que invoquem a Zeus em harmonia.

Arato, poeta da região da Cilícia, localidade onde também nasceu Paulo, escreveu um poema com os mesmos dizeres do poema de Cleanto. Esse, porém, é um poema didático, chamado "Fenômenos", composto com a finalidade de relatar os principais fatos da ciência astronômica e meteorológica, conforme os conhecimentos da época. Esse poema tem início com uma invocação a Zeus, e é exatamente essa invocação que encerra a linha citada por Paulo:

De Zeus começa; jamais deixemos
De amar seu nome. Com ele, Zeus, estão cheios
Todos os caminhos que palmilhamos, e todos os negócios dos homens;
Enche "ele" também o mar, todo o ribeiro e baía;
E todos, em tudo, precisamos da ajuda de Zeus,
Pois também somos sua geração. (Fenômenos, 1-5)

Arato usa a expressão *Pois também somos sua geração*, no mesmo sentido que Cleanto a usa, possivelmente fazendo uma referência a ele. Todo o poema é uma exaltação e conclamação a adoração e louvor a Zeus.

Contudo, Paulo utiliza da mesma expressão, mas não para exaltar a Zeus, não para afirmar ou validar o sentido dado à expressão nos poemas. Paulo queria mostrar outra realidade àqueles filósofos, desejava revelar quem era o DEUS DESCONHECIDO que eles veneravam, mas não sabiam nada sobre ele. Verificamos isso no verso seguinte: *Sendo, pois, geração de Deus, não devemos supor que a divindade seja semelhante ao ouro, à prata ou à pedra esculpida por artifício e imaginação dos homens* (Atos 17, 29).

Paulo, portanto, retoma o discurso de Cleanto e Arato para dar outro sentido a ele, sendo necessário, para a compreensão, o que Fiorin (2003) chama de escavação "filológico-semiótica":

> Tal escavação nos revelará como o sentido do discurso nem sempre corresponde (e, em certos contextos, como o político, quase nunca!) à significação profunda do intertexto em que se "teceu" esse discurso. Em outros termos, o discurso parece estar tratando do referente X, quando, na verdade, o que está em tela é o referente Y, oculto nas malhas da intertextualidade. É a ilusão referencial. O enunciador leva o destinatário a dois níveis de descodificação: um, no plano de superfície, em que se capta o

> referente X (“ilusório”); outro, na estrutura profunda do intertexto, em que se absorve, inconscientemente, o referente Y (correspondente às “reais” intenções do enunciador). (FIORIN, 2003, p. 45).

A definição de Fiorin (2003) descreve perfeitamente o que estava por trás do discurso de Paulo, o objetivo de sua apropriação dos discursos dos filósofos e como isso se dá. Como já citado acima, no verso 29 de Atos 17, Paulo tinha a intenção de refutar as ideias dos filósofos. Num primeiro plano, Paulo cita exatamente parte dos discursos de Cleanto e Arato, um referente “ilusório”, enquanto num nível mais profundo de intertextualidade, é outro referente que está em questão. Observamos, portanto, a sutileza de Paulo para alcançar seu objetivo apropriando-se do discurso de outrem.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa aqui realizada, objetivando responder à questão norteadora desse artigo, demonstra com êxito as relações de intertextualidade entre os discursos de Paulo descritos na Bíblia e os discursos dos filósofos e poetas gregos propostos nessa pesquisa. Foi possível apontar com clareza, por meio do recurso às teorias de Bakhtin (2006), Koch (2007) e Fiorin (2003), as relações intertextuais e as tipologias de referência e alusão presentes nos excertos.

Diante da pesquisa feita, fica explícito que a referência retoma um outro discurso e esse discurso precisa conservar pelo menos parte da autonomia primitiva do discurso de outrem para que seja completamente apreendido. Fica claro também que “... o sentido do discurso nem sempre corresponde à significação profunda do intertexto em que se “teceu” esse discurso.” (Fiorin, 2003).

Essa pesquisa abre, assim, um leque para ampliação de estudos de outros excertos presentes na Bíblia que fazem alusões, citações, referência e outros, em relação a diferentes filósofos, poetas, culturas e outros.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 14. Ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

BIBLIOTECA on-line. **Os primeiros cristãos e o mundo grego**. <http://wol.jw.org/pt/wol/d/r5/lp-t/2008886>. Acesso em: 01 maio 2016.

BOFF, Leonardo. **Oração de Nietzsche:** Ao Deus desconhecido. Disponível em: <https:// leonardoboff.wordpress.com /2011/04/01/%C2%A0%C2%A0%C2%A0oracao-de-nietzsche ao-deus-desconhecido/>. Acesso em: 06 abr 2016.

CASIMIRO, Daniel. **Estudos: A técnica Paulina.** Disponível em: <http://www.prdaniel.com /studies_executeContent.html?id=14>. Acesso em: 01 maio 2016.

Copyright 1997-2016 **Cleante/Hino a Zeus**. Disponível em: <http://greciantiga.org/arquivo .asp?num=0523>. Acesso em: 15 maio 2016.

DAVIDSON, Paul. **Lying Cretans and Unknown Gods: Allusions to Epimenides in the New Testament.** Disponível em: <https://isthatinthebible.wordpress.com/2014/09/16/lying-cretans-and-unknown-gods-allusions-to-epimenides-in-the-new-testament/>. Acesso em: 05 maio 2016.

FIORIN, José Luiz; BARROS, Diana Luz Pessoa de (Org.). **Dialogismo, Polifonia, Intertextualidade**. 2. Ed. São Paulo: Edusp, 2003.

Hymn to Zeus-Cleanthes. s/a. Disponível em: http://mlahanas.de/Greeks/Texts/Cleanthes/Hymn ToZeus.html. Acesso em: 15 maio 2016.

JULIANO, Sandoval. **Criado aos pés de Gamaliel**. Disponível em: <http://www.sandoval juliano.com.br /site/curiosidades/47-biografia-dos-personagens-biblicos/760-criado-aos-pes-de-gamaliel>. Acesso em: 27 maio 2016.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça; BENTES, Anna Christina; CAVALCANTE, Mônica Magalhães. (Org.) **Intertextualidade: Diálogos possíveis**. São Paulo: Cortez, 2007.

LAÊRTIOS, Diôgenes. **Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres**. 2. Ed. Brasília: UnB, 2008.

OLIVEIRA, Marcelo. **Davar Elohim.** Disponível em: <http://davarelohim.com.br/web/paulo-e-a-citacao-de-epimenides-tito-1-12/>. Acesso em: 27 maio 2016.

RICHARDSON, Dom. **O Fator Melquisedeque**. São Paulo: Vida Nova, 1995.